



revista bimestral

dezembro - Suplemento Natal/2010

ano II - núm XIX



Aos leitores da *eisFluências* o nosso reconhecimento, gratidão e apreço, por nos terem acompanhado durante este primeiro ano. Nós, da revista desejamos a todos um Natal pleno de alegria, paz e muito amor, e que cada dia vindouro seja uma continuidade destas, e o advento do verdadeiro Cristianismo.

A todos um Feliz Natal e um 2011 pleno de realizações

Mercêdes Pordeus

(Responsável pela Redação e em nome de toda a equipe de *eisFluências*)
<http://www.eisfluencias.verbostreitus.com/>

Gravura:

Menino Jesus Português - Sant'Ana, São Joaquim, São João Batista E O Menino Jesus, 1620-1630. Óleo sobre tela, 80 x 62 cm. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil

E MAIS UM NATAL!...

Mercêdes Pordeus

Recife-Brasil

Mais uma vez é NATAL, data em que se convencionou o Nascimento de Cristo. Momento de reflexão? Sim. Como deveriam ser todos os dias do ano.

A humanidade se mobiliza, vamos comprar presente, preparar a Ceia de Natal...que pena! Que pena que não seja sempre NATAL na vida de todas as criaturas de Deus, de todos os irmãos de Cristo.

Que não nos lembremos dos que sofrem num leito de hospital, daqueles que não têm um pão para comer, enquanto muitas vezes de tão fartas nossas mesas, damo-nos ao luxo de jogar comida fora.

É lamentável, que tanto nessa época como durante todo o ano vejamos guerras eclodirem, a sede do poder aguçada destruindo e mutilando vidas.

Que possamos fazer de nossas vidas o NATAL constante, no verdadeiro sentido da palavra.

Que possamos nos dar as mãos e cirandar cantando a canção do amor, da paz, da fraternidade, da piedade.

Comecemos então hoje e vamos continuar entoando esse lindo canto durante anos consecutivos.



IMITAÇÃO DE CRISTO
Carmo Vasconcelos

Aos amados irmãos de letras, neste Natal 2010:

Meu grande amor elevo ao altar angelical,
Por entre círios complacentes ao pecado,
Onde o sentir ajoelha, humilde e despojado,
Em oração plo desapego do carnal.

Quão transitório se afigura o amor terreno,
Amiúde eivado de fantasmas e castigos,
Onde, pla posse, nascem ciúmes inimigos,
Em negação do vero Amor, Divino e pleno.

À fé me curvo, quando rezo, irmão amado,
Por tua gloriosa senda e digna evolução,
Sem que na mente albergue díspar ambição,
Senão saber-te em paz e luz harmonizado

No puro amor que tudo cede e nada exige,
À semelhança do Deus-Pai que nada pede
Pla Natureza que gerou e nos concede,
Para que nela cada ser se regozije.

Essa a missão que o Redentor preconizou:
Regozijar-me, tão-somente porque existes,
Irmão, no puro ideal cristão em que persistes:
Amar ao próximo, tal qual Jesus amou!

Carmo Vasconcelos
(Directora Cultural)



Museu de Arte Sacra
Olinda/PE/Brasil

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.verbostrepitus.com/>

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte
Justo
Argentina - María Cristina Garay
Andrade
Bielorrussia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à diretriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

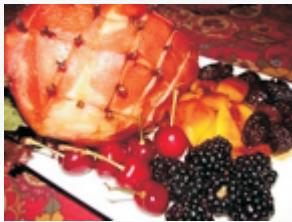
Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISNN 2177-5761

Contacto

eisfluencias@gmail.com

O Natal é vermelho Rosa Pena



A mãe já estava entrando na terceira idade e começava a sentir aquela pontinha de desânimo, aquele tanto faz como tanto fez, entre eles... armar a árvore de Natal, fazer ceia.

E pensar que ela sempre fez uma questão danada de muitos enfeites, do presépio, da guirlanda na porta, de um peru maravilhoso. Foram festas lindas, fantásticas. E pensar, e pensar, e pensar! Pronto: Agora nada de pensar, muito menos navegar na nostalgia. Saudade vá procurar outro coração, pois esse não lhe pertence. Replay de Natal fica por conta do Rei RC que só varia a roupa de branco para azul ou de azul para branco. Inovar é a palavra de ordem.

O marido sempre acompanhou suas resoluções. Dos sete filhos agora só dois moravam com eles naquela casa linda e imensa. Empregados nessa época folgam. O trabalho e o silêncio dobraram.

O temporão insistiu tanto na confecção da árvore que ela acabou por enfeitar displicentemente a antiga num cantinho qualquer da casa.

Como cada um dos outros filhos passaria num lugar diferente, sugeriu impondo aos quatro que fossem cear num quiosque em frente à tão badalada árvore da Lagoa. Dois toparam, mas levou um susto quando o caçulinha disse:

—Cear fora de casa? Logo na data em que as árvores armadas em casa ficam mais bonitas... O menino não nasce mais?

Foi ao supermercado comprou um tender cheia de love e muitas cerejas. O Natal é pintado de vermelho, é vida, não é luto.

Mas o Rei vai estar de azul e cheio de flores. São tantas emoções que a gente vive por mais que tenhamos quase certeza que elas se esgotaram com o tempo.

www.rosapena.com



NOITE DE NATAL Humberto Rodrigues Neto

O natal, como todos sabem, é a mais importante efeméride do mundo cristão, pois nela se comemora o nascimento do Cristo – o cordeiro de Deus – que se fez homem para, através de seu auto-sacrifício, possibilitar à Humanidade a remissão dos pecados, desde que obedecidas as sábias recomendações por Ele preconizadas.

Trata-se, portanto, de uma data ímpar, em que desce sobre a terra aquela aura de amor fraterno, de cordialidade, de harmonia e de entendimento recíproco entre todo os homens, sejam ou não adeptos do cristianismo.

Com efeito, não é sem motivo que a simples aproximação da data coloca na fisionomia de cada um de nós aquela predisposição natural para o sorriso, numa tendência quase inata de procurarmos servir ao próximo da maneira mais cortês e delicada possível.

Parece, mesmo, que cada criatura pressente aflorarem, em si, sentimentos de delicadeza e amabilidade que fogem ao trivial nos demais dias do ano, a predispor-nos para receber e prodigar gentilezas ao menor pretexto, como se algo sobrenatural nos incentivasse a tais atitudes de sadia fraternidade.

Até a cidade parece esconder os seus aspectos desgastantes para apresentar aos nossos olhos aquela roupagem de alegria expressa nos enfeites de cada vitrine e nos belos arabescos dos anúncios luminosos. O vendedor de cada loja se transforma, de mero interessado em comissões, num gentil servidor, não só de sorrisos, mas de desejos sinceros em nos exibir e oferecer o melhor produto; o condutor do veículo que trafega ao lado, ou à retaguarda do nosso não titubeia em nos ceder a passagem; e até o motorista do ônibus ignora as regras da empresa e estaciona fora do ponto regulamentar para facilitar o desembarque de um idoso, de um enfermo ou de uma senhora em cujo colo dormita uma criança.

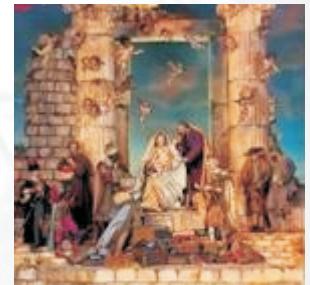
Ora, se tais demonstrações de carinho repetem-se a cada passo no árduo e estressante burburinho das ruas e das praças, fácil se torna imaginar o quanto elas se multiplicam quando transportadas para o aconchego de nossos lares nos minutos que antecedem aquele momento de rara beleza do advento do Natal!

São os parentes e amigos chegando, a sobraçar pacotes multicoloridos; são mulheres a a envergar as mais requintadas vestimentas, portando nas mãos a alegria e o aroma das flores mais diversas; é cada um trazendo ao ambiente não o melhor prato de um domingo comum, mas a iguaria condimentada pelo esmero da alma e temperada pelo carinho do coração; é, enfim, o chilreio do sorriso tagarela estampado no rostinho das crianças a aguardarem, prenhes de ansiosa expectativa, a chegada do Papai Noel.

Felizes daqueles que podem, como nós, congregar a família e os amigos para uma reunião como esta, numa demonstração inofismável da indelével amizade que nos une e do desejo que nutrimos por conservar vivas as tradições natalinas herdadas de nossos pais.

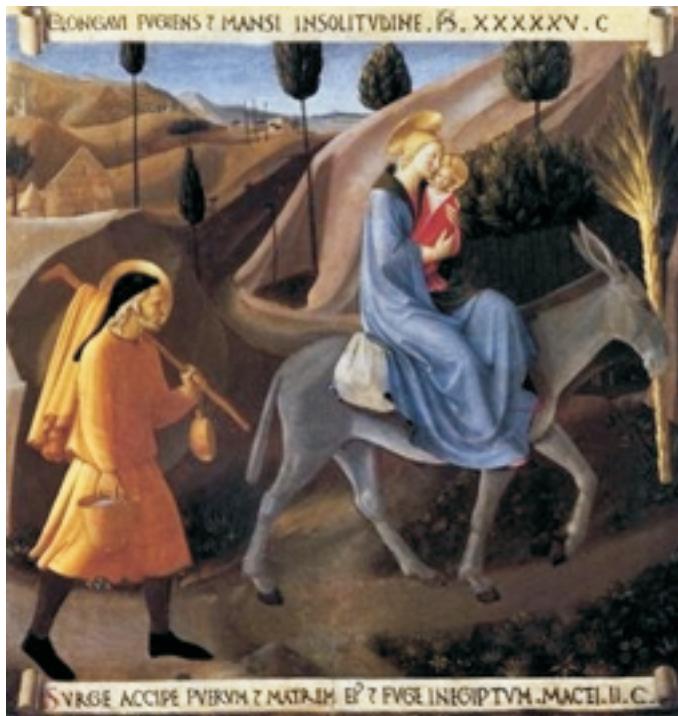
Esta é, portanto, a noite da reafirmação, entre nós, de todos os sentimentos de fraternidade cristã; da comunhão de todos com o meigo Cristo – único caminho de nossa redenção moral; da exteriorização recíproca de tudo aquilo de bom que temos de mais precioso dentro de nossos corações, como sejam a estima mútua, a solidariedade descompromissada, o carinho e a certeza inabalável de que nunca haverá adversidade capaz de desatar os laços de família que nos unem.

Ao ensejo da passagem da data magna da cristandade, desejamos estender, a todos os leitores desta folha, independentemente dos credos ou doutrinas que professem, nossos mais sinceros e efusivos augúrios de um Natal pleno de alegrias e pródigo de felicidade.



Presépio Naapolitano
composto por 1620 peças





Fuga para o Egipto, Fra Angelico
(1387-1455)

MENSAGEM DE NATAL

FRA ANGELICO (1413)*

Pesquisa e tradução livre de Vitor de Vasconcellos Figueiredo
(In Memoriam)

Sou teu amigo
e te estimo sinceramente.

Nada há que eu te possa oferecer
que já não possuas,
mas há muitas coisas que te
posso dar e que tu podes aceitar.

O Céu não pode descer a nós,
a menos que o nosso coração nele encontre,
hoje mesmo, seu repouso.
ACEITA, pois, o Céu!

Não existe paz no futuro que não esteja
oculta neste fugaz momento presente.
ACEITA, pois, a Paz!

A obscuridade do mundo não passa
de uma sombra.
Por trás da sombra do mundo,
e conforme a tua atitude,
há grande Alegria.

Há nesta obscuridade um esplendor
e uma glória inefáveis, que podemos ver.
E, para a vermos, basta olharmos.
Rogo-te, pois, que olhes!

A vida é dádiva generosa, mas nós,
que julgamos suas doações pela aparência,
rejeitamo-las, considerando-as feias,
pesadas ou duras.

Ergue esse véu e por trás dele
encontrarás um vivo esplendor,

tecido com amor pela sabedoria
e com divino poder.
Acolhe esse esplendor, apossa-te dele,
E tocarás a mão do Anjo
que te vem oferecê-lo

Em cada evento que chamamos de prova,
aflição ou dever, está presente, crê,
a mão do Anjo;
aí está a dádiva, além da maravilha
de uma presença envolvente.

E assim com nossas alegrias...
Não te contentes com elas
exclusivamente como alegrias.
Também elas ocultam
as mais divinas dádivas.

A vida é tão plena de sentido e propósito,
tão plena de belezas, por trás de seu véu,
que te podes aperceber de que a Terra
apenas recobre o teu Céu.
Tem coragem, pois, de o reclamar!
Isto é tudo.

Tens essa coragem e sabes que somos todos
peregrinos que, através de regiões desconhecidas,
à sua Pátria se dirigem.

Assim, neste Natal, saúdo-te,
não exactamente como o mundo
envia suas saudações,
mas com a prece de que
para ti,

Agora e para todo o sempre,
Glorioso dia se faça
E as sombras se desvaneçam.



Fra Angelico

* Guido de Pietro, pintor italiano, conhecido como Fra Angelico, nasceu em 1387, em Vicchio, aldeia de Mugello.

Que as palavras deste poema
Os inspirem à comunhão interior
Com as sublimes vibrações do Cristo,
Para que ele vos abençoe no DIA DE NATAL!
E vos desejamos, de coração,
LUZ, VIDA E AMOR!

Vitor de Vasconcellos Figueiredo
(Enviado por sua irmã, Carmo Vasconcelos)



Natal à Brasileira

Áurea Charpinel

Que esta saudade me leve
de volta à antiga ladeira...
Um galho de goiabeira
- não pinheirinho com neve -
na sala, como se deve
enfeitado com luzinhas.
Ai, folia! Quando vinhas
cantavas junto ao portão
do meu vizinho Brandão.
Folias de Reis, tão minhas...

"ai, ô de dentro
ai, ô de fora
ai, ô de dentro
ai, quem será?
são os divinos
santos reis
que aqui vêm
lhe visitar..."

Ao entrar, a cantoria.
Na ceia, o canto se cala.
Sentada no chão da sala
com os foliões, eu sorria...
Nesse chão brotou poesia.
Na minha casa não tinha
esse Natal de luzinhas
tão quentes como o verão
do meu vizinho Brandão.
Folias de Reis, tão minhas...

Áurea Charpinel: É pianista, compositora,
professora
e poeta. Rio de Janeiro / Brasil.

Uma estrela nascente

Um cometa fulgente
Todo mundo alegria
Era assim que eu queria
O Natal diferente.

Marco Bastos
2010

A Noite da Consoada (Parte XXXVIII)

Silvino Potêncio

Em Caravelas, toda a gente já dormia,
quando a "janeira" acabava,
Cada um p'ra sua casa corria,
--- e nos cobertores se enfiava!

Desde a "neite" da consoada,
ainda sobrava o borralho;
Da fogueira quase apagada,
--- derretia a neve e ó orvalho.

(...) Na semana do Natal, anterior ao verão da morte do Ti Zé Piqueno, um Pastor de Cabras e Ovelhas que deve ainda ser lembrado por muitos dos nascidos em Caravelas daquele tempo, estava eu junto do meu Pai no Alto dos Tojais, a guardar umas ovelhas nossas, quando ele, o Ti Zé Piqueno, que também andava ali a guardar as cabras, se aproximou e, os dois começaram ali a conversar,...

O frio soprava dos lados do Quadraçal e, os dois ficavam ali em pé e encostados contra o vento que vinha do meio do sobreiral; um, encostado numa foice, e outro no cajado, que ficava seguro com a palma da mão por debaixo do Capote no sovaco,... e foi quando eu escutei ele dizer para mim!...

- Olha rapaz!... p'ra semana o teu Pai vai comprar uma 'peixota de bacalhau' que a tua Mãe vai cozer com batatas, rabanetes, couve troncha, e... depois comes umas rabanadas bem docinhais!... e aí já enches a pança!

- Ele me fez este vaticínio com tanta convicção que eu memorizei isso, pois eu estava em volta do Ti Zé Artur a pular num pé e noutro, a dizer que estava com fome,... e queria ir para casa, porque já estava frio embora fosse ainda a meio da tarde!

Guardei o diálogo na lembrança e, realmente uns dias depois aconteceu a tal "consoada" que, além do delicioso bacalhau tinha também umas postas de "congro" e, para presente de Natal... no dia seguinte de manhã, encontrei duas laranjas – uma em cada Bota!!!... que maravilha!... e um soldadinho de chumbo, que a minha Mãe tinha encontrado dentro de um pacote de Café de Cevada – café que ela comprava em caixas de papelão coloridas de amarelo, preto e vermelho... de cada vez que ela ia à Feira de Mirandela!

- Desse dia em diante passei a ser o maior consumidor de café da casa pois que, quanto mais depressa se acabasse o café!... - mais depressa a Ti Julheta teria que ir a Mirandela comprar outra caixa!...

E, quem sabe?... lá dentro da caixinha de café não vinha outro presente de Natal!... Natal que, eventualmente, só acontecia uma vez no ano?!...

Assim era o Natal da minha infância!... Há quanto tempo?!... eu nem sei, mas avalio o quanto de diferente tem dos dias de hoje, excepto pelo Amor e Carinho de Família que todos os Natais nos trazem à lembrança.

Texto extraído do Livro homônimo:

(IN: "Curriças de Caravelas - Trovas Comentadas")
www.silvinopotencio.net

Luzes de Natal

Priscila de Loureiro Coelho

Quando as horas se esgotam
E a meia noite se faz
O mundo pára silente
Carente em busca de Paz

O galo anuncia a missa
Lembrando o menino Jesus
As velas, o fogo atiça
Inundando a igreja de Luz

Dentro do peito me bate
Uma enorme alegria
Luzes de cor escarlata
Misturam-se sem simetria

Luzes bem coloridas
Reluzindo um brilho tal
Como se a própria vida
Fosse árvore de Natal

Pisca-pisca, luz neon
Tudo bem iluminado
Importa que o coração
Se sinta abençoado

Tanta beleza me encanta
Tanto quanto me seduz
O coro de vozes que canta
Homenageia Jesus.

Priscila de Loureiro Coelho cronista e autora de artigos publicados em jornais e internet, é membro da Academia de Letras Jacaryense, ocupando a cadeira 31, tendo como patrono seu pai Stélio Machado Loureiro, jornalista e escritor.

A TODOS UM FELIZ NATAL.
PAZ, SAÚDE E ALEGRIA NO ANO NOVO QUE CHEGA.

Divulgação de Marco Bastos





O QUE É NATAL? Adailton Guimarães

Natal é paz, alegria
Reflexão...
O Envio de uma criança
Trazendo uma lição!

Ensinar aos poderosos
Que todos somos iguais
Perante nosso SENHOR
Pobre ou rico, tanto faz...

Natal é tempo de paz
É festa, alegria e satisfação
Liberdade para o Hebreu
Vida Nova para o Cristão.

Jesus Cristo Veio ao Mundo
Pra cumprir uma missão
Dá ao homem a liberdade
Vida eterna e salvação.

Por isto pagou com a vida
Recebendo ingratidão
Foi na Cruz crucificado
Com muita humilhação.

Cristo foi crucificado
Com um ladrão de cada lado,
Hoje querem mudar seu rosto
Com um tal de retrato falado...

Amai-vos uns aos outros
Jesus tentou ensinar
Mas, o homem não foi capaz
Nem mesmo de se amar...

O amor está sumindo
Está mesmo em decadência
A família desunida
Caminha para falência...

O jovem adolescente
Já não atende ao pai
Acha que sabe de tudo
Sabe até muito mais...

A droga virou mania
É necessário provar
Pois só ela pinta o clima
Que estão a esperar.

Mas o homem não mudou
Continua em pecado
É filho matando o pai
Por dinheiro e drogado.

Entristecido meus irmãos
Eu não posso comemorar
Um Natal tão injusto
Que nem posso explicar.

A minha terra é tão bonita
Mas pra mim não há lugar
O Corrupto é cidadão
O honrado não pode falar
Quando o dinheiro fala alto...
A verdade tem que CALAR!

Adailton Guimarães

O Engenheiro Poeta

(escrito especialmente pra a revista eisFluências)
aguimaraes@viacabo.com.br

NATAL Maria da Fonseca

Virgem Santa, Imaculada,
Os desígnios do Senhor,
Aceitaste humilde e pura,
Ser a Mãe do Redentor.

E em lindo Dia Sagrado
Deste à luz o Deus Menino
Numa choupana em Belém,
Marcado fora o destino.

Nasceu sem ter o seu tecto
Nem o berço preparado,
Porque os Pais se deslocaram
Pra cumprir o editado.

Do facto maravilhoso,
Souberam logo os pastores,
Que acorreram ao Presépio
Pra prestarem seus louvores.

Noite única, divina,
Jamais se irá repetir,
Em que Deus, feito Menino,
Veio à Terra prà remir.

No céu os anjos cantaram
E as estrelas cintilantes,
Mais e mais iluminaram,
Com suas luzes brilhantes.

É neste Dia, Natal,
Que sempre nós celebramos
A chegada do Messias,
E a seus pés O adoramos.

Lisboa/Portugal



PRESÉPIO Maria João Brito de Sousa

É por dentro de mim que chego a Deus,
É por dentro de mim, eu sei-o bem,
Que todos os Natais vou pelos céus
Visitar o Menino de Belém...

Não o digo a ninguém, pois há segredos
Que devemos guardar dentro de nós
E até há quem duvide ou tenha medo
De uma mulher com asas de albatroz...

Mas, desta viagem que só faço
Se a Estrela de Belém me der boleia,
Fica registo do divino traço;

Nascem raios de luz no meu regaço
E há anjos a cantar a noite inteira
Ao menino que dorme nos meus braços!

Oeiras/Portugal



Um conto de Natal

Jorge Cortás Sader Filho

Não estou fazendo nada mais do que transcrevendo história que ouço há muitos, muitos anos.
 Dizem que faz muito tempo, um menino brincava com o barro. Fazia aves, pássaros diversos. Eram toscos; estava aprendendo. Mas gostava do que fazia. Melhorava seu artesanato visivelmente, enquanto o barro húmido era moldado com carinho e trabalho cuidadoso. Gostava das suas aves. A técnica estava sendo apurada e os pássaros, a cada dia que passava, mais ficavam assemelhados com os verdadeiros. Determinada manhã, foi brincar e trabalhar outra vez. Retirou os que mais gostava, estavam muito bem feitos e secos. Fez mais alguns e gostou do resultado.

Feliz e contente gostou muito do seu trabalho.

Na sua doce inocência infantil, bateu palmas. Estava alegre.
 Os pássaros saíram voando...

Esta foi a história que eu ouvia. Era pequeno também. Hoje ouço tiros, gritos, correrias e palavrões, principalmente durante os jogos de futebol.

Sinto a fumaça que os ônibus e carros soltam, o barulho que fazem. O calor e o abafado que não existiam há trinta anos. Vejo os drogados. É certo que o progresso foi muito, felizmente. Em todas as áreas do conhecimento e do viver.

Mas verifico, com segurança, que o bem foi acompanhado pelo mal. Lastimável, isso. Mas com o Natal, renascem nossas esperanças.

Jorge Cortás Sader Filho

<http://aduraregradojogo24x7.blogspot.com/>



Um desejo que se repete

Rogério Martins Simões

No próximo dia 25 de Dezembro, comemora-se o nascimento de um Menino que permaneceu menino através dos tempos.

Recordo-me nos meus tempos de menino; das esperas que fazia ao tal Menino; dos presentes que recebia, e com que não tinha sonhado, colocados no sapatinho carcomido, mas, mesmo assim, ficava feliz.

A partir de então nunca esqueci que o Natal é das crianças; que no Natal se comemora, precisamente, a festa de anos de um Menino que permaneceu sempre "Menino".

Como os meninos gostam de brincar, e Esse Menino sempre os amou, a festa é toda para elas...

Mas o Natal é um tempo de paz, e de harmonia, em que os adultos se recordam que já foram meninos, mas, também, querem entrar na festa esforçando-se por realizar os sonhos dos meninos.

Ou porque O tal Menino tudo fizesse para haver paz entre os homens, todos nós, crentes ou não crentes, aproveitamos este tempo para expressarmos, uns aos outros, o nosso amor pelo próximo e, quiçá, tentando apagar das memórias momentos menos felizes nas nossas relações interpessoais.

Que o verdadeiro espírito de NATAL prevaleça na nossa amizade, nas nossas diferenças, nas nossas casas, no nosso trabalho - com quem passamos a maior parte da nossa vida e, unidos, tudo faremos para construir um mundo melhor para todos.

Rogério Martins Simões
 Lisboa/Portugal



SONHOS DOCES

Rogério Martins Simões

Mãe, quando é Natal?

- Meu filho, hoje é dia de Natal!

Mãe; o Menino não veio, onde está a minha trotineta?

- Meu filho; Ele deixou-te um presente, no sapatinho, dentro da chaminé!

Mãe; eu pedi uma trotineta igualzinha à dos outros meninos!

- Meu filho; as meias fazem-te falta,

E a mãe tem "sonhos doces" para ti!

Mãe; Para o ano o Menino vai pôr a trotineta no sapatinho?

Sim meu filho!

Prova os sonhos!

Avô, quando é Natal?

- Netinho, hoje é dia de Natal e a bisavó fez-te sonhos!

Avô, o Pai Natal não veio, onde está o jogo que pedi?

- Netinho, ele deixou-te muitos presentes e, até, uma trotineta...

Mas, avô, não era aquele jogo que queria e para que serve a trotineta?

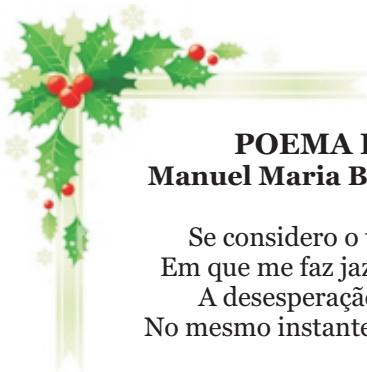
Avô; vais trocar o jogo, não vais?

- Sim netinho!

Saboreia agora os sonhos...

Rogério Martins Simões
 Lisboa/Portugal
(Diálogos da alma e do poeta)
<http://poemasdeamoredor.blogspot.pt/>





POEMA DE NATAL
Manuel Maria Barbosa du Bocage

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedeça,
No mesmo instante, o frágil sofrimento.

Mas súbito me diz o pensamento,
Para aplacar-me a dor que me trespassa,
Que Este que trouxe ao mundo a Lei da Graça,
Teve num vil presépio o nascimento.

Vejo na palha o Redentor chorando,
Ao lado a Mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estrela os reis guiando.

Vejo-O morrer depois, ó pecadores,
Por nós, e fecho os olhos, adorando
Os castigos do Céu como favores.



FALAVAM-ME DE AMOR
Natália Correia

Quando um ramo de doze badaladas
Se espalhava nos móveis e tu vinhas
Solstício de mel pelas escadas
De um sentimento com nozes e com pinhas,

Menino eras de lenha e crepitavas
Porque do fogo o nome antigo tinhas
E em sua eternidade colocavas
O que a infância pedia às andorinhas.

Depois nas folhas secas te envolvias
De trezentos e muitos lerdos dias
E eras um sol na sombra flagelado.

O fel que por nós bebes te liberta
E no manso natal que te conserta
Só tu ficaste a ti acostumado.



VOTO DE NATAL
David Mourão-Ferreira

Acenda-se de novo o Presépio do Mundo!
Acenda-se Jesus nos olhos dos meninos!
Como quem na corrida entrega o testemunho,
Passo agora o Natal para as mãos dos meus filhos.

E a corrida que siga, o facho não se apague!
Eu aperto no peito uma rosa de cinza.
Dai-me o brando calor da vossa ingenuidade,
Para sentir no peito a rosa florida!

Filhos, as vossas mãos! E a solidão estremece,
Como a casca do ovo ao latejar-lhe vida...
Mas a noite infinita enfrenta a vida breve:
Dentro de mim não sei qual é que se eterniza.

Extinga-se o rumor, dissipem-se os fantasmas!
Ó calor destas mãos nos meus dedos tão frios!
Acende-se de novo o Presépio nas almas.
Acende-se Jesus nos olhos dos meus filhos.



A NOITE DE NATAL
Mário de Sá Carneiro

Em a noite de Natal
Alegram-se os pequenitos;
Pois sabem que o bom Jesus
Costuma dar-lhes bonitos.

Vão se deitar os lindinhos
Mas nem dormem de contentes
E somente às dez horas
Adormecem inocentes.

Perguntam logo à criada
Quando acorde de manhã
Se Jesus lhes não deu nada.

– Deu-lhes sim, muitos bonitos.
– Queremo-nos já levantar
Respondem os pequenitos.



Memórias de um Natal no Alentejo

Maria Margarida Pereira



- Mãe, Mãe! Acorda, mãe! É véspera de Natal e temos que ir para o Alentejo.

Ainda mal refeita do som dos gritos, levanto-me da cama. Eles têm razão: é véspera de Natal e a viagem até junto da família ainda é longa. São horas de despachar os miúdos e graúdos, embrulhar as últimas lembranças, e iniciar a viagem de três horas até à pequena aldeia perdida na vastidão da planície alentejana.

Deixamos a capital e entramos no Alentejo; é sempre agradável recordar a paisagem, para uns monótona, mas para os alentejanos, uma alegria para a alma: a planura do relevo, os sobreiros com mais de um século de vida, os pequenos montes brancos dispersos. Parece que o tempo não passou por aqui. Tudo se mantém na mesma, e é esta sensação de conhecido e familiar que nos transmite a segurança de retorno ao lar.

Todos os anos o Natal é passado no Alentejo; é aqui que mais sentimos as nossas raízes familiares. É nesta casa, onde nasceram os avós e viveram os pais, que mais nos sentimos como família, aconchegados e reunidos à volta de um lume que alimenta o corpo, mas também o espírito. Talvez as recordações, os aromas, as cores, que se libertam das paredes desta casa contribuam para esta sensação de segurança, paz e calor humano.

Na aldeia, e à porta de casa (um típico monte alentejano, de linhas simples e direitas, caiado de branco e com barras azuis) a família aguarda ansiosa a nossa chegada. A alegria é enorme, não apenas pelas saudades, mas sobretudo pelas emoções desta época natalícia. Os miúdos não reprimem a alegria e correm para dentro de casa: querem ver o enorme presépio feito pelos avós, num canto da sala, junto à lareira, já acesa.

- Avô! Olha, este ano temos musgo no presépio! Que lindo! - diz o mais pequeno.

As chuvas que caíram há quinze dias permitiram mais esta alegria, e os miúdos não resistem a brincar com as pequenas figuras já bem conhecidas de anos anteriores. Ninguém se preocupa, porque no fim, todas ficam exactamente nas mesmas posições. Quando a brincadeira termina, cabe-lhes a eles colocarem as "searinhas de Natal" à volta da cabana do Menino Jesus. Esta tradição das zonas mais rurais, representa uma oferenda ao Menino com o pedido de "boas colheitas"; foram semeadas três semanas antes do Natal, com grãos de trigo, em pequenos recipientes de barro, e carinhosamente regadas pela avó. Agora estão germinados e no lugar dos grãos, estão pequenas plantas de trigo que, depois do Natal, serão espalhadas pelos campos já semeados.

O almoço é rápido, porque a azáfama espera-nos a todos; os homens preparam a lenha, pois a noite vai ser longa e o frio aperta, e alimentam o lume na enorme lareira, que serve também para o fumeiro dos enchidos; as mulheres, na cozinha, têm a seu cargo a preparação das refeições mais importantes do ano: o jantar de Natal, a Consoada e o almoço do dia de Natal. Só os mais pequenos estão, para já, libertos de qualquer tarefa; podem aproveitar os últimos raios de sol do dia para brincar com os primos na rua e rever os animais da quinta.

Toda a azáfama segue o mesmo ritual desde há anos; sempre foi assim, desde que me lembro. Aliás, nem os avós e os pais permitiriam qualquer alteração e inovação; e ainda bem! Talvez por isso, esta época seja um reencontro com as origens, e todos precisamos de renovar os nossos elos de infância, recordar momentos passados e com eles alimentar o futuro.

O jantar de Natal é o primeiro momento de reunião de toda a família; ao fundo da sala, a lenha crepita, criando um som e ambiente acolhedores. Dizem os mais antigos, que o lume da chaminé é para o Menino se aquecer quando vier, durante a noite, recompensar as crianças pelo seu bom comportamento; a importância do lume, e da lenha que o alimenta, está presente na poesia popular alentejana que fixou estas tradições nas quadras:

*O Menino vai à lenha
Espetô-le um pico no pé
Chamou Nossa Senhora
Respondê-le Sã José*

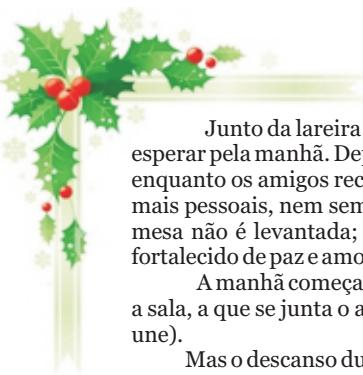
*Ó mês Menino Jesus
Encostado ó madéraro
É vos dô a minha alma
Fazei dela o travesseiro*

A ementa do jantar de Natal, às primeiras horas da noite, segue a tradição: sopa de cação, bacalhau cozido com batatas, grelos e couve-flor, criados na horta e apanhados poucas horas antes da refeição, e regados com o azeite feito no lagar da família. A carne e os doces estão ausentes desta refeição, mas guardados para a Consoada. Reunidos na comprida mesa da sala grande, sentimos o cheiro que vem da cozinha: os enchidos feitos com a carne de porco da última matança para assegurar o abastecimento da consoada, os doces conventuais feitos com ovos recolhidos no galinheiro, o aroma da canela e do arroz-doce acabado de fazer. Mas ninguém se sente tentado! Assim manda a tradição!

Após o jantar, e a um ritmo que parece combinado entre todos, começam a chegar os vizinhos para a troca de mimos: umas filhos de forma por uns pastéis de grão, um pudim de ovos por umas rabanadas, uns frutos secos por um prato de aletria doce. E a grande mesa vai se enchendo de cores e sabores.

Perto da meia-noite é hora de vestir os agasalhos e reunir a família. A Missa do Galo, momento simbólico da fé cristã, significa também um momento de reunião e de partilha para toda a pequena comunidade da aldeia. Apesar do adiantado da hora, mesmo os mais pequenos participam. A temperatura quase negativa da noite estrelada, não desanima ninguém, e no caminho para a igreja reencontramos familiares mais afastados e amigos de infância. No adro, frente à porta da igreja, já arde o grande madeiro, trazido por um grupo de homens da aldeia, logo de manhã. A Missa, acompanhada com cânticos próprios da época, interpretados com o natural sotaque alentejano, termina com o ritual cristão do beijo ao Menino. Já na rua, é hora de reencontros: à volta do grande madeiro, cujo lume dissipava qualquer frio, amigos de longa data reencontram-se com uma emoção própria, actualizam-se as novidades, relembram-se momentos passados. Não fosse a natural ansiedade e fadiga dos mais pequenos, esta reunião prolongar-se-ia por mais algumas horas, até o lume do madeiro se desvanecer.

No calor da casa, espera-nos a Consoada; a mesa do jantar está agora preenchida com carnes assadas, enchidos e doces típicos da época: arroz-doce, rabanadas, fritos de forma, filhos de abóbora, filhos enrolados, sopa dourada, azevias, pastéis de batata-doce. Nesta refeição participa toda a família (avós, pais, tios, primos), bem como vizinhos cujas famílias estão longe; parece estranho como a grande sala se enche rapidamente de amigos; há sempre lugar para todos, quando a boa vontade e o amor estão presentes. É um momento de grande alegria e partilha. No fim da refeição, é servido o chocolate quente e o licor de bolota, feito em casa.



Junto da lareira os miúdos brincam, na esperança que o Menino Jesus chegue este ano mais cedo com as prendas, mas, terão de esperar pela manhã. Depois de momentos de brincadeira, são vencidos pelo cansaço, e deixam-se dormir nos sofás espalhados pela sala, enquanto os amigos recolhem a casa. É altura do momento mais intimista: a família mais chegada conversa e põe em dia as novidades mais pessoais, nem sempre boas, mas sempre com esperança no futuro. Tal como manda a tradição, a loiça suja fica para amanhã e a mesa não é levantada; fica posta para o Menino Jesus. Recolhemos à cama, com o corpo cansado mas o espírito mais animado e fortalecido de paz e amor, não sem antes colocar as prendas dos miúdos nos respectivos sapatinhos, dispostos em frente da lareira.

A manhã começa com o usual alvoroço das crianças; a alegria e as risadas que libertam ao abrir as pequenas lembranças, invadem a sala, a que se junta o aroma forte do café feito nas brasas da lareira, cujo lume nunca se apaga (tal como o carinho e amizade que nos une).

Mas o descanso dura pouco; o peru, embebido, morto e preparado na véspera, é posto no forno de lenha, depois de devidamente recheado. Será o prato principal do nosso almoço de Natal, juntamente com uma canja de lebre caçada no último domingo.

As horas passam depressa, e toda a família ajuda a preparar a mesa para o almoço. A canja, o peru assado e recheado, acompanhado com migas de grelos, a carne do porco criado no monte à base de bolota, os enchidos fumados na nossa lareira, as rabanadas com Vinho do Porto, de novo o arroz-doce e a aletria, a tigelada (característica do Alentejo mais interior), emanam aromas tão próprios desta casa. Ficarão aqui presentes até ao próximo Natal e sempre que voltarmos, eles avivarão as nossas memórias destes momentos tão familiares, mas sobretudo, da nossa necessidade em dar e receber amor e amizade.

Depois do almoço, partimos. É sempre com alguma tristeza, mas a certeza que no próximo Natal estaremos de novo todos juntos, pelo menos em espírito, anima-nos e prepara-nos para as dificuldades que existem fora deste nosso abrigo.

Será, sem dúvida, o mesmo ritual, mas para nós será, de certeza, sempre diferente e renovador.

Feliz Natal a todos, com muito amor e amizade.

Maria Margarida Pereira é Natural de Lisboa reside em Odemira/Alentejo Litoral

Docente do Ensino Superior, no Instituto Politécnico de Beja, Directora do Departamento de Biociências do Instituto Politécnico de Beja, Doutora em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia.

Tem vários artigos publicados em revistas científicas da área das Ciências Agrárias é Membro da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal.

Participação e coordenação de projectos internacionais de investigação

Palestras na Universidade de Campobasso (Itália) e Universidade Politécnica de Valência (Espanha)

Preferências pessoais: leitura de romances políticos e históricos

Autores preferidos: Gabriel Garcia Marquez, Mário Vargas Llosa, Pepetela, Paulo Coelho, Isabel Allende, Ernest Hemingway, entre outros

O filme da minha vida: Cinema Paraíso, de Giuseppe Tornatore

Outros filmes importantes: Clube dos Poetas Mortos, Casablanca, Um Violino no Telhado, Forrest Gump, Pulp Fiction, O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes, Laranja Mecânica, o Grande Ditador.

Livros especiais: A Rainha do Cine Roma, de Alejandro Reys; Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Marquez; Tia Júlia e o Escrevedor, de Mário Vargas Llosa; o Alquimista, de Paulo Coelho.

NR: É com imenso prazer que a **eisFluências** traz pela primeira vez à luz literária a escritora **Maria Margarida Pereira**. à escritora desejamos imenso sucesso na sua vida literária



MENSAGEM DE BOAS-FESTAS

Oleg Almeida

Meus caros amigos,
amigos do peito, amigos de fato:
reais, virtuais e, por longe que morem,
deveras queridos;
vocês que concordam comigo,
vocês que contestam as minhas ideias;
vocês que são meus confidentes,
vocês que sequer conheciam meu nome,
vocês que estão dentro do meu pensamento,
ainda que estejam por fora,
desejo-lhes hoje,
mas prestes a dar boas-vindas à década nova,
primeiro – saúde, que nada de mais importante foi dado por Deus aos humanos;
segundo – paz d' alma em todos os trechos do longo caminho
que tem tantas curvas e tantos desvios quantos são nossos dias;
terceiro – fartura em plena acepção da palavra:
que seja faustoso não só seu manjar,
mas também seu afeto, seu sonho, seu raio de sol, seu respingo de chuva;
e quarto, dos tópicos meus o melhor –
muíta luz que, provinda dos astros ignotos,
extinga a tristeza de nós nos sabermos mortais:
uns a chamam de bênção
e outros, de felicidade.
Fazei, ó Senhor, com que haja, no próximo ano,
mais sorte, mais pão, mais ternura,
e venham as lágrimas só de cortar a cebola e rir à vontade.
E que me perdoem os célicos esta mensagem repleta de fórmulas pré-aprovadas –
a vida, que prega as mesmíssimas peças por vários milênios,
não fica banal de vivida!



Oleg Almeida, Brasília/DF, Brasil
www.olegalmeida.com



NATAL – QUE FUTURO?

Tito Olívio

Dá que pensar sobre quais as alterações que a actual crise irá impor aos tradicionais festejos do Natal e que consequências se farão sentir nas crianças, durante tantos anos habituadas a um consumismo irracional e desenfreado. A melhoria de vida da população – que veio a saber-se que era virtual – deslumbrou as famílias e, o que é pior, as crianças, que se acostumaram a ver satisfeitas todas as suas vontades e todos os seus mais pequenos desejos.

A crise está aí e ainda não passou do início. Toda a gente vai ser atingida, embora uns mais do que outros, e as despesas de cada um terão necessariamente de ser reduzidas, porque as receitas também serão menores. Não estamos a falar das famílias super-endividadas e das que sofrem e ainda virão a padecer os efeitos do desemprego. Essas, já estão a passar as penas do Inferno. Este texto pretende apenas englobar as famílias que têm vivido dentro da realidade dos seus orçamentos, com mais ou menos desafogo financeiro.

Os salários da administração pública vão sofrer uma redução, os impostos, directos e indirectos aumentar, os benefícios fiscais encolher ou desaparecer; no sector privado, os impostos vão sofrer o mesmo aperto, e, em tudo o resto, será igual, com a agravante de que o desemprego aumentará. Os apoios sociais também diminuirão.

É indubitável que a vida das sociedades do Ocidente vão mudar de uma forma radical. A época das vacas gordas terminou e a realidade terá de ser encarada, porque o tempo da falsa riqueza já lá vai e deixou um rastro de destruição, financeira e moral, não apenas nas famílias, mas também nos Estados. Os governos imitaram as pessoas e viveram à tripa forra, demonstrando a profunda mediocridade e a incompetência dos governantes que assaltaram o mundo da política. Foi dito hoje na rádio, na TSF, que desde o 25 de Abril temos tido, todos os anos, um défice nas contas do Estado. O futuro vai exigir uma viragem de 180 graus.

As famílias e os estados serão forçados, então, a viver de uma forma diferente, com a necessária redução nas despesas, de forma a atingir-se o equilíbrio orçamental. Isso vai reflectir-se, necessariamente no modo como celebramos o Natal. Quem mais vai sofrer são as crianças e os adolescentes, que estão muito mal habituados a sofrer reveses e a compreender o verdadeiro significado da palavra «não».

Tito Olívio
Cidade de Faro
Portugal



NATAL DE ARAQUE

Marcelo Sguassábia



- E então, como foi na entrevista?
- Vou ter que engordar uns 22 quilos se quiser pegar a vaga de Papai Noel. O recrutador disse que a barba está boa, mas meu rosto está muito chupado.
- Só que pra você engordar vai ter que comer, e se tivesse o suficiente pra comer não tinha que procurar esse bico. Não dá pra colocar uns enchimentos debaixo da roupa? Um almofadão, um edredon fofo?
- Não adianta... Papai Noel tem cara gorda, tem braço gordo. E nos gordos de verdade até a voz é diferente. A minha é um fiapo, Maria... parece aquelas de Pato Donald quando entrevistam bandido no Jornal Nacional.

Bem, analisamos todos os candidatos e apesar da magreza optamos por você. O esquema é o seguinte: você acomoda o peste nos joelhos e faz o interrogatório, observando rigorosamente esta seqüência:

- . Você é um bom menino?
- . Se comportou durante o ano?
- . Obedece papai e mamãe?
- . Vai bem na escola?
- . Come toda a chicória do prato?

Depois de ouvi-lo mentir em todas as respostas, você pega a cartinha da mão dele, lê em voz alta, coloca ela no saco, dá um beijo na testa do ranheta e enfia dentro do envelope o folheto da loja que tem o brinquedo que ele pediu. Aí você diz pro melequento entregar o envelope pro pai dele, falando que é a resposta do Papai Noel, ok? O que converter em venda você leva meio por centro. Feito, meu velho?

O turno era de 14 horas ininterruptas. O assento do trono tinha uma pequena tampa que dava direto para um outro trono, da Celite, pra que Papai Noel não precisasse sair dali pra nada. A fila tinha de andar, fazer o quê. E calculando a conversa de cada pentelho com o bom velhinho, mais a pose pra foto, tínhamos a média de 2 minutos e meio por peralvilho.

- Gui, olha só o Papai Noel!!!
- Ô mãe, é Natal ou primeiro de abril?
- Por que a pergunta, Gui?
- Papai Noel chega de trenó, não de helicóptero como esse aí. Não tem tatuagem da Harley Davidson e do Che Guevara perto do cofrinho. Não fede cachaça. Ah, e na roupa desse velhinho aí tem uma etiqueta escrito "Casa das Festas". Estranho, não? Esse não é Papai Noel. É um mentiroso sem vergonha.
- É isso mesmo, o senhor é um impostor. A gente passa o ano todo dizendo para os filhos que mentir é feio, que se disser mentira não ganha presente de Natal. Aí chega aqui no shopping e encontra um Papai Noel fajuto, mais suspeito que brinquedo chinês. Nem criancinha lactente cai nessa esparrela. O senhor não passa de um artigo de 1,99!
- É, vamos processá-lo por falsidade ideológica, mãe. Esse Papai Noel cover não tem nada a ver. O verdadeiro Nicolau deve estar indignado com esse rascunho genérico.
- Chuta o saco dele, Gui, chuta. Isso!

O escândalo do Noel desmascarado espalhou-se mais rápido que as renas do Noel de verdade. Tiveram de arrumar um substituto às pressas, este afiançado pela administração do shopping como legítimo. O risonho, bonachão e desta vez suficientemente gordo Santa Claus distribuía ho-ho-ho's por onde passava. No mais, os piscas, as bolas multicores, as guirlandas e os sinos badalando anunciam um natal a preceito, como deve ser. Contudo, um guri capcioso, na hora de subir ao colo do obeso acetinado, viu o que não devia ver: uma fitinha do Senhor do Bonfim amarrada no punho do Papai Noel. Do verdadeiro Papai Noel.

- Ô manhêêêêêêêêêêê! Vem cá ver uma coisa!

<http://www.consoantesreticentes.blogspot.com/>





ESPERANÇA ...
António Boavida Pinheiro

O mundo está de todo conturbado...
São cheias, tempestades, furacões,
Catástrofes, tsunamis e tornados,
O degelo, os sismos e os vulcões.

Desgraça e miséria, por todo o lado,
Ele são guerras, doenças, convulsões,
O próprio ambiente está alterado,
Espécies estão em risco de extinções.

É pois neste cenário apocalíptico,
Que ressurge a confiança quase mítica,
Duma esperança de vida envolta em Luz...

Ao relembrar da chegada de Alguém,
Que nasceu há 2000 anos em Belém,
E que todos conhecem, é Jesus...

Lisboa – Portugal



NAVIDAD SIN MIRADAS
Maria Cristina Garay Andrade

Como hablarte hermano del olvido y de frente
Cuando veo a tanta gente caminando indiferente
Mirando vidrieras adornadas sin sentido verdadero
Cuando hay niños que tanto sufren en el mundo entero

¿Donde van nuestras miradas que no quieren ver?
¿Atractivas vitrinas donde guirnaldas se exponen para vender?
¿A morir en borlas doradas, azules, verdes o coloradas?
¿En panes y dulces con nueces y avellanas... sin mañas?

¿Y cuando veremos al niño que llora acongojado y espera?
Que en el planeta se termine la impunidad y la ceguera
Aterrado, solo y con hambre marginal de mortajas
Silenciamos conciencias en iglesias donando migajas...

Mientras esas lágrimas sigan en su rostro sucio y tosco
Y la indiferencia siga entre nosotros diciéndonos lo desconozco
No habrá Navidad que juntos un villancico podamos cantar
O podamos en familia una noche conjugar el verbo amar

Navidad es mirar desde la tierra al cielo
Y en todas sus escalas elevar con fuerza plegarias con celo
Compartir el pan de cada mesa con quien necesite comerlo
Y de un cáliz honroso el vino en brindis de augurio beberlo

El Niño que nació con mansedumbre en su confinamiento
A su madre mira con místico deslumbramiento
María con nanas divinas lo acuna a la luz de la luna
El lucero encendido muestra el camino de nuestro destino

Maria Cristina Garay Andrade
Derechos Reservados de Autora
Monte Grande – Buenos Aires - Argentina



ESPERANDO O MENINO
Alfredo Mendes

Aos poucos o meu lar vou alindando,
Eu quero que ele esteja especial.
Pois breve será dia de Natal,
E o menino Jesus está chegando.

Já estou um pinheiro enfeitando,
Quero que tenha um ar angelical.
Que nos transmita paz celestial,
Com suas estrelinhas cintilando!

Não tenho, mirra, ouro, p'ra lhe dar.
Tão pouco tenho incenso no meu lar,
Para lhe ofertar como presente.

Apenas um cantinho acolhedor,
Onde reina, alegria, muito amor,
Para O receber condignamente!

14/12/2010
Lagos/Portugal



Fechem os olhos, fechem
António Barroso (Tiago)

Fechem os olhos, crianças,
que Jesus está chegando,
traz um monte de lembranças
para quem o está chamando.

Fechem os olhos, meninos,
ponham vosso sapatinho,
já se ouvem cantar os sinos,
deve estar muito pertinho.

Fechem os olhos, garotos,
que Jesus deu atenção
aos presentes bem marotos
da vossa imaginação.

Fechem os olhos, meus filhos,
pendurem as vossas meias
nos pregos ou com atilhos,
que as malas estão bem cheias.

Já podem abrir, risonhos,
os olhos, a tanta luz,
está na hora de ter sonhos
com a vinda de Jesus.

Paredes - Portugal
(18-12-2010)



FELIZ NATAL

Frei Betto

Feliz Natal a todos que pulam corda com a linha do horizonte e riem à sobeja dos que apregoam o fim da história.

FELIZ NATAL aos infelizes cativos do desapreço ao próximo, da irremediável preguiça de amar, do zelo excessivo ao próprio ego. E aos semeadores de alvíssaras, aos glutões de premissas estéticas, aos fervorosos discípulos da ética.

Feliz Natal ao Brasil dos deserdados, às mulheres naufragadas em lágrimas, aos escravos do infortúnio condenados à morte precoce. E aos premiados pela loteria biológica, aos desmaquiadores de ilusões, aos inconsoláveis peregrinos da vicissitude.

Feliz Natal aos órfãos do mercado financeiro, pilotos de vôos sem asas e sem chão, fiéis devotos da onipotência do mercado, agora encerrados no impiedoso desabrigado de suas fortunas arruinadas. E também aos lavradores da insensatez espelhada na linguagem transmutada em arte.

Feliz Natal às lagartas temerosas de abandonar casulos, ao desborboletar de insignificâncias cultivadoras de ódios, aos exilados na irracionalidade do despautério consensual. E aos dessedentados na saciedade do infinito, no silêncio inefável, nas paixões condensadas em prestativa amorosidade.

Feliz Natal a quem escapa dos indomáveis pressupostos da lógica consumista, dessufoca-se em celebrações imantadas de deidade, livre do desconforto da troca compulsória de presentes prenhes de ausências. E aos hospedeiros de prenúncios do leque infinito de possibilidades da vida.

Feliz Natal a quem não planta corvos nas janelas da alma, nem embebe o coração de cicuta, e coleciona no espírito aquarelas do arco-íris. E a quem trafega pelas vias interiores e não teme as curvas abissais da oração.

Feliz Natal aos devotos do silêncio recostados em leitos de hortênsias a bordar, com os delicados fios dos sentimentos, alfombras de ternura. E a quem arranca das cordas da dor melódicas esperanças.

Feliz Natal aos que trazem às costas aljavas repletas de relâmpagos, aspiram o perfume da rosa-dos-ventos e carregam no peito a saudade do futuro. Também a quem mergulha todas as manhãs nas fontes da verdade e, no labirinto da vida, identifica a porta que os sentidos não vêem e a razão não alcança.

Feliz Natal aos dançarinos embalados pelos próprios sonhos, ourives sapienciais das artimanhas do desejo. E a quem ignora o alfabeto da vingança e não pisa na armadilha do desamor.

Feliz Natal a quem acorda todas as manhãs a criança adormecida em si e, moleque, sai pelas esquinas a quebrar convenções que só obrigam a quem carece de convicções. E aos artífices da alegria que, no calor da dúvida, dão linha à manivela da fé.

Feliz Natal a quem recolhe cacos de mágoas pelas ruas para atirá-los no lixo do olvido e se guarda no recanto da sobriedade. E a quem se resguarda em câmaras secretas para reprender a gostar de si e, diante do espelho, descobre-se belo na face do próximo.

Feliz Natal a todos que pulam corda com a linha do horizonte e riem à sobeja dos que apregoam o fim da história. E aos que suprimem a letra erre do verbo armar.

Feliz Natal aos poetas sem poemas, aos músicos sem melodias, aos pintores sem cores, aos escritores sem palavras. E a quem jamais encontrou a pessoa a quem declarar todo o amor que o fecunda em gravidez inefável.

Feliz Natal a quem, no leito de núpcias, promove despudorada liturgia eucarística, transsubstancia o corpo em copo, inunda-se do vinho embriagador da perda de si no outro. E a quem corrige o equívoco do poeta e sabe que o amor não é eterno enquanto dura, mas dura enquanto é eterno. Feliz Natal aos que repartem Deus em fatias de pão, bordam toalhas de cumplicidades, secam lágrimas no consolo da fé, criam hipocampos em aquários de mistério.

Feliz Natal a quem se embebenda de chocolate na esbórnia pascal da lucidez crítica e não receia se pronunciar onde a mentira costura bocas e enjaula consciências. E a quem voa inebriado pelo eco de profundas nostalgias e decifra enigmas sem revelar inconfidências; nu, abraça epifanias sob cachoeiras de magnólias.

Feliz Natal a todos que dão ouvidos à sinfonia cósmica e, nos salões da Via Láctea, bailam com os astros ao ritmo de siderais incertezas. Queira Deus que renasçam com o menino que se aconchega em corações desenhados na forma de presépios.

Carlos Alberto Libâneo Christo, o Frei Betto, é autor de 51 livros, editados no Brasil e no exterior, Frei Betto nasceu em Belo Horizonte (MG). Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias Batismo de Sangue... veja mais em <http://www.freibetto.org/>

DEUS TE ABENÇOE RICAMENTE NESTE NATAL

Luiz Gilberto de Barros - Luiz Poeta

Neste Dia de Natal, eu quero tanto,
Que a família que tu tens esteja unida
E que Deus coloque um riso no teu pranto
E preencha com amor a tua vida.

Neste Dia de Natal, que Deus esteja,
Mais que nunca, dentro do teu coração
E que tudo que o teu sonho mais deseja
Seja o teu amor em forma de oração.

Neste Dia de Natal, que Deus te doe
O presente que mais queres e abençoe
Tua vida linda... abundantemente...

E a Deus, humildemente eu agradeço
Porque tenho, muito mais do que mereço,
Tua vida abençoada... de presente.

22/12/2007
Rio de Janeiro/Brasil

FELIZ NATAL, POETA

**meu irmão
Eugénio de Sá**

Sei que tu és, amigo, companheiro
Um projecto de Deus feito de amor
Como um poema raro, alvíssareiro,
Que a cada verso é mais amansador

Porque és de Cristo a doce emanção
E d'Ele recolhesto o que é melhor
A humanidade, a terna mansidão
Com que tratas o mundo, por penhor

Neste soneto aqui te trago irmão
Com a fraternidade que te dou a mão
A evocação de um Cristo redentor

E nela a minha fé que este Natal
O lembres com amor, como um igual
Um justo paladino, um... sonhador

Bogotá, Colômbia
16 de Dezembro de 2010

O SUAVE MILAGRE

Eça de Queirós

Ora entre Enganin e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ele o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava um grão ou côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com os olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que de desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmurio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça engelhada:

- Oh filho! E como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e de balde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e de balde correram por Jesus, desde Hébron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e nossa dor mora connosco, dentro destas paredes e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

- Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

- Oh meu filho como te posso deixar! Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

- Mãe, eu queria ver Jesus!

E logo, abrindo devagar a porta... e sorrindo, Jesus disse à criança:

- Aqui estou.

José Maria de **Eça de Queirós** nasceu na Póvoa de Varzim em 25 de Novembro de 1845, e morreu em Paris a 16 de Agosto de 1900. É um dos mais importantes escritores lusos. Foi autor, entre outros romances de importância reconhecida, de *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro*; este último é considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.



COMO ERA A PESSOA DE JESUS CRISTO

Conforme documento que se encontra em ROMA



A face de Jesus Cristo,
pintada por Públus Lentulus

Do governador da Judéia, Públus Lentulus, ao César Romano:

- Soube ó César, que desejavas informações acerca desse homem virtuoso que se chama Jesus, que o povo considera um profeta, e seus discípulos, o filho de Deus, criador do céu e da terra. Com efeito, César, todos os dias se ouvem contar dele coisas maravilhosas. Numa palavra, ele ressuscita os mortos e cura os enfermos. É um homem de estatura regular, em cuja fisionomia se reflete tal doçura e tal dignidade que a gente sente obrigado a amá-lo e temê-lo ao mesmo tempo. A sua cabeleira tem até as orelhas, a cor das nozes maduras e, daí aos ombros tingem-se de um louro claro e brilhante; divide-se numa risca ao meio, à moda nazarena. A sua barba, da mesma cor da cabeleira, e encaracolada, não longa e também repartida ao meio. Os seus olhos severos têm o brilho de um raio de sol; ninguém o pode olhar em face.

Quando ele acusa ou verbera, inspira o temor, mas logo se põe a chorar.
Até nos rigores é afável e benévolos.

Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas muitas vezes foi visto chorando.
As suas mãos são belas como seus braços, toda gente acha sua conversação agradável e sedutora.
Não é visto amiúde em público e, quando aparece, apresenta-se modestissimamente vestido.
O seu porte é muito distinto.

É belo.

Sua mãe, aliás, é a mais bela das mulheres que já se viu neste país..
Se o queres conhecer, ó César, como uma vez me escreveste, repete a tua ordem e eu te o mandarei.

Se bem que nunca houvesse estudado, esse homem conhece todas as ciências.

Anda descalço e de cabeça descoberta.

Muitos riem, quando ao longe o enxergam; desde que porém se encontram face a face com ele, tremem e admiram-no.

Dizem os hebreus que nunca viram um homem semelhante, nem doutrinas iguais às suas.

Muitos crêem que ele seja Deus, outros afirmam que é teu inimigo, ó César.

Diz-se ainda que ele nunca desgostou ninguém, antes se esforça para fazer toda gente venturosa.

OBS 1

A descrição acima foi traduzida de uma carta de Públus Lentulus a César Augusto, Imperador de Roma.

Públus Lentulus foi predecessor de Pôncio Pilatos como governador da Judéia, na época em que Jesus Cristo iniciou seu ministério.

O texto original encontra-se na biblioteca do Vaticano.

Comprovada sua autenticidade, tornou-se, fora da Bíblia, o documento mais importante sobre a pessoa do Senhor Jesus.

OBS 2

Sabemos também que após a crucificação de Cristo, Públus Lentulus tornou-se seu seguidor e, juntamente com sua filha Lívia, levava a palavra de Deus aos povos da época.

(Estudo e divulgação de Carmo Vasconcelos - Directora Cultural)



QUAL O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO NATAL?

Mercèdes Pordeus

Enquanto passeávamos, conversávamos sobre o que oferecer aos nossos amigos neste Natal.

Imaginámos presentes materiais, poderia até ser um perfume, um CD, ou quem sabe, algo bem maior e mais valioso do ponto de vista do comércio, do mercado consumista.

Hum!... Pensando bem, até que lhes agradaria se assim o fizéssemos; mas, melhor não. Tudo isso é efêmero, tem uma durabilidade limitada, e depois? Depois nada ficaria para que se lembressem de nós durante o transcurso dos anos seguintes.

Chegámos então a uma conclusão: por que lhes oferecer o que eles já possuem? Com a nossa amizade, sim, ela ficará fortalecida no dia-a-dia!

Que essa amizade e carinho sejam como tijolo numa construção alicerçada em bases sólidas. E que a substância cimentante a unir-nos seja o carinho e a disponibilidade de ouvir atentamente a outros quando estes estão à nossa espera, para apenas uma palavra amiga.

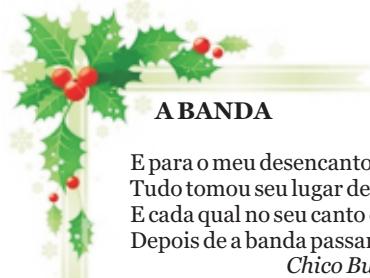
Que possamos sempre lembrar que o Natal não é uma festa nossa, mas sim o Aniversário Mor, marco da Cristandade, aniversário este sim, de JESUS CRISTO. Voltemos nosso olhar na Sua direção, contemplemos, e em uníssono proclamemos:

“Glória a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens”. Vamos refletir nessa frase, não como meros espectadores, mas que possamos nos colocar no contexto do nascimento de Cristo, direcionando nossos olhos e nosso coração a Ele, que é o merecedor de toda honra e glória.

O que queremos oferecer aos nossos amigos é nossa amizade, nossos corações abertos, receptivos a todos; nosso carinho e, agradecer-lhes por este ano que estiveram ao nosso lado torcendo por nós; e, aos que foram chegando depois... A todos, sem exceção, nosso afeto, e que Deus faça em cada um renascer o Natal de paz, saúde, amor e prosperidade em suas vidas.

“Não temais, aqui vos trago as boas novas de grande alegria, que será para todo o povo: é que hoje, vos nasceu na cidade de Davi o Salvador que é Cristo Jesus, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitado sobre uma manjedoura!”.





UMA REFLEXÃO DE INÍCIO DE ANO

A BANDA

E para o meu desencanto o que era doce acabou,
Tudo tomou seu lugar depois que a banda passou.
E cada qual no seu canto em cada canto uma dor
Depois de a banda passar cantando coisas de amor.

Chico Buarque de Holanda

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama protesta,
e agora, José?

Carlos Drummond de Andrade

E agora? Início do ano de 2011.

Passaram as festas Natalinas, as saudações de ano novo, já não se compram mais presentes.
E agora? Onde está o verdadeiro espírito de Natal, o sentimento do advento de Cristo, que deve ser perene em nossas vidas?
Será que depois de passado esse período continuamos os mesmos, saudando nossos irmãos, doando brinquedos às crianças carentes e doentes terminais, cestas básicas aos que têm fome, e o melhor de nós?
Será que passamos por nossos semelhantes saudando-os com um bom dia, desejando que as bênçãos dos céus caiam sobre seus lares?
São tantas as indagações de um tempo não tão distante, mas que ficou para trás.
E as guerras, a maldade humana, os homicídios, os estupros, assaltos?
Será que esse estado de coisas mudou? E os armistícios, ficaram no passado? Os hospitais, principalmente os públicos, que ao passar na frente deles aperta-nos o coração imaginar que ali, centenas, ou mesmo milhares de pessoas sofrem, além do sofrimento o descaso e desrespeito pelas suas dores?
E agora? Para onde caminha a humanidade? Será que aqueles propósitos de solidariedade, darmos as mãos em prol dos necessitados, continuam de pé, ou foram apenas ensaios da época de Natal?
Será que deixámos mesmo que o Cristo fizesse morada em nossos corações, ou até para Ele viramos nossos rostos como o fizeram à época do seu nascimento, aqueles seus contemporâneos? Ou, ainda pior, será que o rejeitámos, expulsámos de nossas moradas?
Desabrochou 2011, tão lindo, tão esperado, tão pequenino que o colocámos em nossos regaços, demos-lhe guarida, e vamos acompanhar seu crescimento.
Ele vai aprender conosco sim, a cada dia, tanto o bem quanto o mal que fizermos.
Será que passados mais trezentos e sessenta e cinco dias da despedida de 2010, ele irá carregando o peso do sofrimento, a tristeza de ter abrigado a maldade, ou será que dará lugar a um 2012, partindo com alegria, sabendo que o homem cresceu, aprendeu, aceitou o presente do Verdadeiro Aniversariante em seu coração?
Será que ele se despedirá passando a coroa para 2012 reinar em PAZ, com amor, concórdia, sem guerras?
Utopia?
Não sei, o tempo dirá!



NOTA FINAL

Mercêdes Pordeus é Responsável pela Redação e Proprietária da Revista eisFluências. Tem sido por ela que Organizações de Cultura, quer Academias, quer Escolas, quer Universidades, Entidades Públicas, Meios de Comunicação Social, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Entidades Privadas, Consultórios Médicos e Hospitais, têm recebido um exemplar em papel da nossa **eisFluências**, quer através dos Correios, quer em entrega física.

Os custos desta divulgação são suportados inteiramente pela Responsável pela Redação e pelo Director da Revista que, acumula ainda o design gráfico e a paginação da mesma. Isto, porque amam as letras.

A forma graciosa com que os nossos correspondentes e colaboradores participam na **eisFluências** é a prova de que todos estamos aqui, unidos, para dar ao público a mais soberba das artes, as Letras - e, de forma gratuita. Sem esta união de esforços e boa vontade, a eisFluências não existiria. Como nota final, fica o nosso mais elevado louvor à nossa Directora Cultural, Carmo Vasconcelos que, incansavelmente, reúne e contacta com todos os colaboradores e correspondentes, recolhe e selecciona os trabalhos a editar, sendo a responsável por toda a área cultural e divulgação internacional.

Que o ano de 2011 nos possa trazer mais divulgação, e que possamos continuar a agradar, a cada edição, ao nosso querido público leitor.

Victor Jerónimo
Director da Revista **eisFluências**
Uma revista a pensar em si!

"As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária.

A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores."